

O estudo de práticas relacionadas à mídia junto a famílias de agricultores do tabaco: uma reflexão teórico-metodológica.

Bianchini, Aline; Felippi, Ângela; Escosteguy, Ana Carolina; Sifuentes y Lírian.

Cita:

Bianchini, Aline; Felippi, Ângela; Escosteguy, Ana Carolina; Sifuentes y Lírian (2014). *O estudo de práticas relacionadas à mídia junto a famílias de agricultores do tabaco: uma reflexão teórico-metodológica*. VIII Jornadas de Sociología de la UNLP. Departamento de Sociología de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, La Plata.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-099/596>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eCvm/cw8>

O estudo de práticas relacionadas à mídia junto a famílias de agricultores do tabaco: uma reflexão teórico-metodológica

Ana Carolina D. Escosteguy¹

Ângela Felippi²

Lírian Sifuentes³

Aline Bianchini⁴

1. INTRODUÇÃO

O propósito, aqui, é apresentar os delineamentos teóricos e metodológicos de uma pesquisa que recém se inicia. Pretendendo explorar interfaces entre estudos sobre desenvolvimento regional e de mídia⁵, a investigação “Tecnologias de comunicação nas práticas cotidianas: o caso de famílias relacionadas à cadeia agroindustrial do tabaco”⁶ foca-se, fundamentalmente, na reconstituição de práticas cotidianas e nas experiências de apropriação de um determinado grupo social, famílias de agricultores integradas à cadeia agroindustrial do tabaco, em sua relação com tecnologias de comunicação, compreendendo tanto a mídia tradicional (rádio, televisão, jornal e revistas) quanto a nova mídia (principalmente, o telefone celular e o computador).

Entende-se que tais tecnologias ocupam um lugar diferencial em relação a outras tecnologias domésticas como refrigeradores, fornos microondas, lavadoras de roupa, entre outras. Elas – as tecnologias de comunicação – são tanto artefatos quanto meios; são adquiridas por motivos funcionais, mas também estéticos; impactam a economia e o espaço doméstico. Entretanto, distinguem-se, sobretudo, porque, como meios, proporcionam – ativa, interativa ou passivamente – laços entre famílias e membros individuais das mesmas, bem

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil. Doutora em Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista Produtividade do CNPq. E-mail: carolad@pucrs.br.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Brasil. Doutora em Comunicação pela PUCRS. E-mail: angelafe@unisc.br.

³ Pós-doutoranda no PPGCOM/PUCRS, Brasil. Doutora em Comunicação pela PUCRS. E-mail: lisifuentes@yahoo.com.br.

⁴ Doutoranda em Comunicação no PPGCOM/PUCRS, Brasil. E-mail: li.bianchini@gmail.com.

⁵ A pesquisa envolve dois programas de pós-graduação, um de Comunicação Social, situado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e outro em Desenvolvimento Regional, da Universidade de Santa Cruz do Sul. A equipe é multidisciplinar e, além das autoras deste artigo, é composta por outras duas doutorandas, um mestrando e dois estudantes de graduação, com formações em Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda, Geografia e Administração.

⁶ Originalmente, a pesquisa surgiu com o propósito de centrar-se nas questões de gênero e geração num dado contexto rural, com o projeto “Mulheres, práticas cotidianas e tecnologias de comunicação: o caso de jovens e adultas relacionadas à cadeia agroindustrial do tabaco” (aprovado pelo edital MCTI/CNPq/MEC/CAPES 43/2013), porém foi ampliada para o estudo da família, ainda observando os aspectos geracionais decorrentes do acesso e uso das TICs.

como com o mundo que está fora da moldura do lar (SILVERSTONE; HIRSCH; MORLEY, 1996).

Assumindo tal ponto de partida, destaca-se que se trata de pesquisa de caráter socioantropológico, dado que se almeja investigar os significados atribuídos pelo grupo familiar mencionado às tecnologias de comunicação existentes no contexto a ser estudado. Tal enfoque não descarta as consequências econômicas e sociais de tais práticas, porque a família é entendida como uma unidade cultural, mas também social e econômica, inserida num sistema de transações em que estão implicadas as relações mercantis que dizem respeito à posse das tecnologias.

Relacionada com a direção acima apontada, a escolha de famílias associadas à cadeia produtiva do tabaco nos remete à discussão da agricultura familiar, tema em evidência na teoria social contemporânea. Devido à diversidade de formas de fazer agricultura, o contexto social dessa prática é também de fundamental importância. Dessa forma, este estudo está circunscrito a uma determinada situação regional, caracterizada econômica e socialmente pela agricultura familiar produtora de tabaco, cujos sujeitos têm tido acesso às tecnologias de comunicação, tradicionais e novas, sendo a apropriação dessas últimas ainda recente, alterando suas práticas cotidianas domésticas, suas atividades econômicas e suas vivências nos distintos grupos sociais.

Acerca dos contornos contextuais dessa realidade, indicam-se referentes sobre a região onde se desenvolve a pesquisa de campo, como também dados objetivos sobre a presença das tecnologias de comunicação, ora em âmbito nacional, ora regional. Além disso, é descrita a primeira experiência de campo, alinhavando algumas diretrizes para os próximos passos da mesma, embora não se recupere propriamente os dados coletados. Ao invés disso, dá-se ênfase à discussão das estratégias metodológicas.

2. CONTEXTO DE PESQUISA: AGRICULTURA FAMILIAR DO TABACO

Aqui, trata-se de elencar os motivos para a escolha de famílias da agricultura familiar para estudo, circunscritas na cadeia agroindustrial do tabaco. Em primeiro lugar, é evidente sua importância socioeconômica. O cultivo e o processamento do tabaco ocupam, direta e indiretamente, 2,5 milhões de trabalhadores rurais (na lavoura) e urbanos (indústria e comércio e serviços). É uma das principais atividades econômicas do Sul do Brasil, responsável por cerca de 2% das exportações nacionais e movimentando quase R\$17 bilhões por ano, com uma carga tributária de R\$9,3 bilhões⁷. Em que pesem as restrições mundiais ao

⁷ De acordo com a Receita Federal, em dados do Anuário Brasileiro do Tabaco (VENCATO, 2011), em 2010,

consumo do principal produto do tabaco, o cigarro, com sensível diminuição do consumo nos países centrais (Canadá, Estados Unidos e países europeus), o mesmo segue ampliando seu mercado com o aumento recente do consumo na China, Índia e países do Sudoeste Asiático. Por consequência, a sua produção vem crescendo no Sul do Brasil, sendo que, nas últimas duas décadas, o país se destacou na produção em decorrência do volume produzido⁸, da qualidade do produto ofertado ao mercado internacional e da produtividade alcançada nas lavouras (SILVEIRA et al., 2011).

O coração da cadeia do Brasil está no município de Santa Cruz do Sul, estado do Rio Grande do Sul. Além de ser um dos maiores produtores, concentra as sedes nacionais das maiores empresas do ramo e parte do processamento e da industrialização do produto a ser exportado. Por isso, optou-se por definir a microrregião de Santa Cruz do Sul⁹ como *locus* do estudo empírico, com destaque para o município de Vale do Sol, em que a primeira incursão a campo foi feita.

A cadeia agroindustrial do tabaco é dominada mundialmente por empresas transnacionais. Com a globalização, novos arranjos deste capital surgiram, refletindo-se nas regiões de operação das indústrias e nos sujeitos do processo. As tabaqueiras operam com alta competitividade, grande concentração do capital, em meio a grandes fusões – e suas consequências, como realocação de operações e demissões de trabalhadores –, constante inserção de novas tecnologias na produção e grande controle produtivo sobre a cadeia, incluindo a operação em regime de integração com os agricultores. No Brasil, a cadeia atua de forma dicotômica, configurada por políticas públicas federais de combate ao tabagismo e estratégias de incentivo à instalação de novos parques produtivos, elaboradas pelos governos estaduais e municipais. Nesse embate, têm sido vencedoras as tentativas de manutenção e crescimento da agroindústria do tabaco, a ponto de deixar tímido, ao menos nas regiões de operação das agroindústrias, o debate a respeito da reconversão produtiva (SILVEIRA et al., 2011).

Além disso, a atividade produtiva do tabaco exhibe problemáticas singulares que reforçam sua relevância para estudos: os malefícios à saúde humana, atribuídos ao cigarro; a dependência dos agricultores para com a indústria; a natureza manual do trabalho, com

84% da produção de tabaco em folha do Brasil foi exportada. No entanto, o maior faturamento do Governo ocorre a partir do recolhimento de tributos sobre os cigarros, que chegam a aproximadamente 75% do valor do produto final.

⁸ Maior exportador e segundo maior produtor mundial em 2010, segundo a *Food and Agriculture Organization on the United Nations* - FAOSTADT (SILVEIRA et al., 2011).

⁹ A microrregião de Santa Cruz do Sul corresponde a uma divisão do IBGE e inclui os municípios de Arroio do Tigre, Candelária, Estrela Velha, Gramado Xavier, Herveiras, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Mato Leitão, Passa Sete, Santa Cruz do Sul, Segredo, Sinimbu, Sobradinho, Vale do Sol, Venâncio Aires, Vera Cruz.

intenso uso de agroquímicos; a existência de trabalho infantil nas lavouras; a precarização do trabalho urbano (safristas) nas indústrias de processamento da folha do fumo e fabricação do cigarro; e a dependência das regiões em que essa agroindústria opera, sempre à mercê da possibilidade de reconfigurações produtivas das indústrias e com cerceamentos sutis às possibilidades de diversificação produtiva.

Dada a complexidade implicada, trata-se de objeto de pesquisa que exige a discussão sobre o modo de vida dos sujeitos envolvidos nesta cadeia produtiva, em especial dos trabalhadores rurais. Como já dito, devido ao caráter socioantropológico dessa pesquisa, as condições de produção econômicas são relevantes na composição do quadro analítico, especialmente no caso das populações rurais, em que os espaços de trabalho e de vida se confundem, pois é no espaço doméstico que se realiza boa parte da atividade produtiva. Na agricultura familiar, esse traço é ainda mais intenso, uma vez que toda família está presente na produção e essa, embora realizada para o mercado, também o é “para a reprodução da unidade agrícola e familiar” (VAN DER PLOEG, 2008, p. 17).

Do ponto de vista do estudo das TICs, a escolha desse recorte empírico situa a presente investigação no marco das pesquisas que outrora centraram atenção à televisão no seio da família e no entorno doméstico. Isso pode ser paradoxal na medida em que, cada vez mais, as investigações rumam na direção de negar esses mesmos espaços – a família, o lar e a casa –, considerando a mobilidade proporcionada pelos atuais dispositivos tecnológicos. Esse é um aspecto que justifica a escolha dessa realidade particular onde a família e o espaço doméstico ainda são entornos fundamentais de relação com as TICs.

Contudo, a realidade a ser investigada revela, também, outra característica relevante para ser estudada: a fusão das relações entre o mundo do trabalho e do espaço doméstico, estabelecida no contexto da prática da agricultura familiar. Essa condição diferencia esse universo de pesquisa daqueles que mantêm esses dois mundos em separado, ainda uma circunstância comum entre nós.

Dito isso, no que diz respeito ao contato propriamente com tecnologia, os agricultores familiares do tabaco estão expostos a inovações tecnológicas desde que o capital internacional ligado a essa cadeia opera no Brasil. Concomitante ao processo de modernização conservadora da agricultura brasileira, a partir do pós-guerra, a incorporação de novas tecnologias na produção agropecuária tem sido quase compulsória para todas as distintas cadeias produtivas, na medida em que os agricultores têm que se inserir em sistemas de produção cada vez mais racionalizados e competitivos. Muito embora, moderno e arcaico

convivam na agricultura familiar, com a associação de equipamentos e práticas contemporâneas com outras milenares.

Na produção do tabaco, além das tecnologias diretamente aplicáveis na lavoura, insumos tecnológicos de natureza comunicacional têm sido introduzidos, como o computador, por exemplo, inserido experimentalmente por uma transnacional para ser utilizado no gerenciamento da produção na propriedade rural (BERWANGER, 2011).

A relação entre as tecnologias da comunicação e o espaço rural brasileiro existe pelo menos desde o início do século XX, porém se intensifica, na metade do século passado em diante, por conta da modernização da agricultura e do processo de consumo gerado com a inserção dos agricultores no mercado. Bens simbólicos e duráveis foram introduzidos com maior ou menor intensidade, com distintas temporalidades, ao longo dos últimos 70 anos, acompanhando, em descompasso, o que ocorreu numa certa linearidade nas cidades – embora observadas as distinções de renda e poder de compra existentes entre populações urbanas. Nesse sentido, a acessibilidade aos suportes materiais destes bens (antenas de TV, rádio, internet e celular) no espaço rural brasileiro é menor do que a que se tem nos grandes centros urbanos, realidade balizada pela relação custo de instalação versus mercado de consumo. Desde os anos 1970, estudos destacam essa realidade tratando das distintas tecnologias e mídias (BORDENAVE, 1974; MAGELA BRAGA, 1986; SILVEIRA, 1991; CALLOU, 1999)¹⁰.

O acesso a bens simbólicos, se não garante, carrega o potencial de inclusão de grupos sociais aí envolvidos na sociedade da informação e do conhecimento e permite novas formas de sociabilidades. No ambiente da produção do tabaco, acredita-se que há uma tensão gerada pelo ingresso das TICs no que tange à discussão sobre as particularidades dessa produção agrícola. Por um lado, as empresas tabaqueiras abordam os agricultores com informações para e sobre essa produção, inclusive fornecendo as ferramentas (computadores). Por outro, as TICs, como meios, possibilitam aos agricultores a tomada de contato com uma gama de conteúdos, opiniões sobre o mundo e, inclusive, sobre a própria produção do tabaco. Muito embora, como lembra Winocur (2009, p. 120), as novas tecnologias de comunicação requeiram competências e capitais distintos das suas antecessoras.

A incorporação do rádio, da televisão, do vídeo e do telefone fixo haviam sido símbolos de distinção, mas nunca de exclusão no mesmo sentido que as TICs. Uma vez que os velhos meios fizeram sua entrada nos lares populares, o acesso estava garantido pelo simples ligar e desligar do aparelho. Diferentemente das TICs, seu manejo não requeria habilidades tecnológicas

¹⁰ No entanto, tais estudos não contemplam uma análise aprofundada dos usos e apropriações, em especial das tecnologias de comunicação, bem como assumem uma matriz teórica radicalmente diferente da proposta aqui.

especiais associadas a um capital cultural específico. Mas a incorporação dessas novas tecnologias de informação e comunicação requerem um processo de *domesticação* (Morley, 2008: 140) em um triplo sentido. Como algo *selvagem* [destaque nosso] que deve ser domado porque questiona o horizonte de experiência anterior com as tecnologias de comunicação, como algo *estranho* [destaque nosso] que exige ser incorporado no lar para que adquira significado nas coordenadas da vida cotidiana familiar, e como *algo que necessita fazer sentido em nossos próprios marcos culturais, cognitivos e afetivos* [destaque nosso].

Obviamente não está se falando de um rural num nível de isolamento como o que havia quando da introdução do rádio e da televisão, muito embora a realidade brasileira seja rica e diversa em termos de temporalidade social e tecnológica. No caso das famílias de agricultores do tabaco, há uma dinâmica social no território ocupado em parte resultado da própria forma como está organizada a produção: por utilizar a mão de obra familiar, ser manual e estar instalada majoritariamente em pequenas propriedades rurais, as regiões produtoras têm um rural com significativa densidade demográfica e oferta de serviços, muito próximo do “novo rural brasileiro” (GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI; CAMPANOLA, 2002). Sem contar a dinâmica espacial praticada por essas famílias, que se deslocam com frequência aos centros urbanos para acessarem bens e serviços que não encontram no meio rural. Ainda, os agricultores do tabaco estão em interação com o globo também pela relação de integração que têm com as indústrias do setor, que, por sua vez, são organizadas em oligopólios transnacionais que operam em redes com ramificações dentro dos países e entre os países.

3. A PRESENÇA DAS TICs NO BRASIL

Nesta seção, objetiva-se oferecer um cenário que delinea, sobretudo, um mapa sobre a propriedade e acesso às tecnologias de informação e comunicação no contexto nacional, construído via a consulta de distintos bancos de dados. A Pesquisa Brasileira de Mídia (BRASIL, 2014)¹¹, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República do Brasil durante os meses de outubro e novembro de 2013, traz informações sobre o uso que os brasileiros declaram fazer dos meios de comunicação. De acordo com o levantamento, segue sendo predominante a presença da televisão nos lares de todo o país. Segundo o estudo, 97% dos entrevistados afirmaram ver televisão; 61% têm o costume de ouvir rádio e 47% têm o hábito de acessar a internet. Já a leitura de jornais e revistas impressos é menos frequente e alcança, respectivamente, 25% e 15% dos entrevistados.

¹¹ Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/download/pesquisa-brasileira-de-midia-2014-habitos-de-consumo-de-midia-pela-populacao-brasileira/publicacoes/198/arquivo/pesquisabrasileirademidia2014.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2014.

Quando questionados sobre o meio de comunicação preferido, os brasileiros demonstram preferência pela TV (76,4%), seguido da internet (13,1%), rádio (7,9%), jornais impressos (1,5%) e revistas (0,3%). Entre os mais jovens, na faixa de 16 a 25 anos, a preferência pela TV cai a 70% e a citação à internet sobe a 25%, ficando o rádio com 4% e os demais com menções próximas a 0%.

De acordo com esse levantamento, 65% dos brasileiros assistem à televisão todos os dias da semana. No Rio Grande do Sul, estado onde se situa o *locus* empírico dessa pesquisa, esse índice sobe 1%, chegando a 66%. Vale ressaltar, também, que moradores de municípios de maior porte, tanto no estado como no país, costumam assistir mais à televisão do que as populações de cidades menores ou de áreas rurais. No que diz respeito à frequência do uso do rádio, a média do Rio Grande do Sul ultrapassa a nacional: enquanto 35% dos gaúchos ouvem rádio todos os dias, esse número cai para 21% no contexto brasileiro.

Os dados apontam para uma hegemonia da televisão, que pode ser explicada pela presença e força de grandes redes nacionais de TV, que mantêm essa mídia como um espaço para construção simbólica da unidade nacional, somada à força da imagem que no contexto latino-americano encontra guarida, seja pela fragilidade do sistema escolar, seja pelos capitais mobilizados pelas mídias antigas, como já apontado por Winocur (2009). Ainda, na relação com as novas mídias, a preferência pela TV pode estar associada ao tempo da sua presença no Brasil e ao fato de não ser uma mídia paga, embora se verifique o crescimento da TV paga.

Em relação à utilização da internet e aos aparelhos celulares, o crescimento de infraestruturas de rede tem avançado, nas últimas duas décadas, para locais anteriormente “desconectados”. As tecnologias de informação e comunicação, por sua vez, tornam-se, também, cada vez mais presentes na última década do século XX, com a popularização da revolução tecnológica propiciada pelas tecnologias digitais, influenciando o cotidiano, as relações sociais e reorganizando noções de localidade e espacialidade. Nos anos 1990, o Brasil testemunhou a desestatização e a desregulamentação das telecomunicações e o ingresso do capital internacional no setor. Os governos do período colocaram o país no contexto de globalização e a emergência de uma sociedade global gerou “a existência de processos globais que transcendem os grupos, as classes sociais e as nações” (ORTIZ, 1994, p. 16).

No período entre os anos de 2006 e 2010, segundo o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.BR, 2014)¹², a proporção de domicílios brasileiros com acesso à internet cresceu de 14,49% para 27% – ainda que as diferentes regiões do país apresentem crescimento desigual no acesso e uso das TICs pela população.

¹² Disponível em: <<http://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/>>. Acesso em: 2 set. 2014.

Em 2013, esse número já chegava a 48%. Essa realidade recente é resultado tanto da proliferação das inovações tecnológicas, diversificando as mídias, quanto de uma particularidade do Brasil, que experimentou um crescimento econômico a partir dos anos 2000 permitindo o acesso ao consumo por camadas da população que antes não o alcançavam. Isso somado à políticas de inclusão implementadas pelos governos federais neste início de século, que facilitaram a aquisição particular de computadores, assim como destinaram à rede escolar pública equipamentos e pessoal técnico.

Na mesma medida, dados quantitativos também têm mostrado o crescimento da presença de aparelhos celulares no Brasil. Em seis anos, o país registrou um aumento no uso de celulares de mais de 100%. Segundo dados obtidos na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011)¹³, entre 2005 e 2011 o crescimento do uso de celular por brasileiros com mais de dez anos de idade foi de 107,2%. Já o acesso à internet teve um aumento de 143,8% no período, acesso, em grande parte, possibilitado por *smartphones* com tecnologia 3G e/ou *wi-fi*.

Ainda no que se refere ao *acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*, em 2011, 115,4 milhões de brasileiros (69,1% da população) possuíam celulares, sendo que, sete anos antes, esse número girava em torno de 55,7 milhões de pessoas. No Rio Grande do Sul, esse número chega a 73,3%¹⁴.

Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (BRASIL, 2014) mostram que, em 2013, 85% dos brasileiros domiciliados em área urbana possuíam celular. Em áreas rurais, esse número baixa para 63%. Na região Sul¹⁵, o índice é de 87%, não havendo distinção de moradores de zonas urbanas e rurais na pesquisa.

Segundo os dados da PNAD, anteriormente citada, em 2011, 46,5% dos brasileiros tinham acesso à internet, sendo a maioria dos usuários pessoas entre 10 e 35 anos. Dos entrevistados, 67,6% (Brasil) e 65,9% (região Sul) estão nessa faixa etária. E desses, a faixa que compreende dos 15 aos 19 anos possui o maior contingente de usuários de internet: 16,1% (Brasil) e 15,6% (região Sul).

Através dessa pesquisa, é possível ver, também, que, de 2005 a 2011, o acesso à internet por trabalhadores agrícolas¹⁶, no Brasil, aumentou de 1,7% para 8,7% e, na região

¹³ Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/PNAD_Inter_2011.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2014.

¹⁴ Os menores valores se dão em pessoas com menos de 14 anos e acima de 60.

¹⁵ A região Sul do Brasil corresponde aos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

¹⁶ A PNAD compreende por trabalhadores agrícolas: produtores na exploração agropecuária, trabalhadores na exploração agropecuária, pescadores, caçadores e extrativistas florestais e trabalhadores da mecanização agropecuária e florestal.

Sul, de 3,7% para 14,2%. Já o acesso por brasileiros em atividade agrícola¹⁷ também aumentou – tendo números muito parecidos aos dados dos trabalhadores agrícolas. Aqui, também, a região Sul ultrapassou a média nacional, aumentando de 3,9%, em 2005, para 14,5%, em 2011, enquanto no Brasil cresceu de 1,8% para 9,1%. Vale lembrar que esse estudo envolveu 14.517 trabalhadores agrícolas no país – dos quais, 1.343 afirmaram ter utilizado a internet nos três meses anteriores à pesquisa – e 2.291 na região Sul – desses, 332 haviam feito uso da *web*. Já os brasileiros em atividade agrícola entrevistados foram 14.682 – 1.263 com uso de internet – e 2.293 da região Sul – tendo 324 feito uso da ferramenta. A bibliografia da área aponta que, em todo país, a chegada tanto do celular como da internet no campo tem sido uma realidade, e em que pesem os programas governamentais de inclusão digital do meio rural, no geral, a inclusão se dá pelo mercado, balizada pela relação de consumo. Ou seja, a tendência é haver acesso onde há certa densidade demográfica, ou condições de instalação com custos viáveis às operadoras.

Quanto à posse de aparelhos celulares, entre 2005 e 2011 também houve um aumento significativo entre os trabalhadores agrícolas ou em atividade agrícola. Se, em 2005, 12,2% dos trabalhadores agrícolas brasileiros tinham posse de telefones móveis – e 26,6% sulistas –, em 2011, esses números chegavam a 43%, no Brasil, e 55,3% na região Sul. Para os entrevistados em atividade agrícola, os números não são muito diferentes, tendo também sofrido aumento durante os anos compreendidos na pesquisa: 12,6% (Brasil) e 26,8% (região Sul), em 2005, e 43,6% (Brasil) e 55,5% (região Sul), em 2011.

Quando realizada a última PNAD, no ano de 2011, apenas 8,1% da população tinha 15 anos ou mais de estudo. Os demais grupos – de zero a menos de quatro anos de estudo; de quatro a sete; de oito a dez; e de 11 a 14 – ficaram próximos aos 20%. Quando esses grupos são analisados em relação ao uso que fazem da internet, é possível concluir que, quanto maior a escolaridade, mais utilizam essa ferramenta, ou seja, o uso de internet é proporcional aos anos de estudos, tanto no Brasil como na região Sul.

Ainda através da PNAD é possível ver que pessoas que têm uma ocupação, independentemente de serem estudantes ou não, utilizam mais internet do que as que não estão ocupadas. Isso é uma verdade tanto para o país, como para o Sul. Importante ressaltar, também, que, das pessoas ocupadas, na região Sul, 15,5% eram trabalhadores agrícolas. Esses, porém, compreendiam apenas 4,1% dos que utilizaram a internet.

¹⁷ Para a PNAD, brasileiros em atividade agrícola são aqueles envolvidos com a agricultura, pecuária, silvicultura, exploração florestal, pesca, aquicultura e atividades dos serviços relacionados com estas ocupações.

Em relação ao uso do telefone celular, o nível de educação também está relacionado à posse de aparelhos portáteis. Enquanto 36,6% (41,9% na região Sul) das pessoas, no Brasil, sem instrução ou com até um ano de instrução têm posse de um celular, pessoas com 15 anos ou mais chegam a expressivos 94,7%, no Brasil, e 95% na região Sul, sendo esse aumento progressivo nas faixas de escolaridade pesquisadas.

Para além das necessidades individuais de informação e comunicação, as transformações tecnológicas na eletrônica e na informática se tornaram instrumentos chave do processo de acumulação capitalista. Os canais pelos quais ocorrem viabilizam, de forma ímpar na história humana, o fluxo de bens simbólicos e de dados informacionais numa escala global, sinalizando uma relação de submissão da cultura ao capital (JAMBEIRO, 2004). Ou como diz Santos (2004, p. 274), a “fluidez contemporânea é baseada nas redes técnicas, que são um dos suportes da competitividade. [...] A fluidez é, ao mesmo tempo, uma causa, uma condição e um resultado”.

A indicação desse panorama serve para mostrar objetivamente a presença das TICs no Brasil e revelar o cenário onde se insere a investigação recém iniciada.

4. ASPECTOS TEÓRICOS: AS TICs NA VIDA COTIDIANA

Em primeiro lugar, o ponto de vista adotado na pesquisa pretende esquivar-se de enfoques mais deterministas sobre as tecnologias, ou que as entendem meramente para acesso e uso prático, como observado nos indicadores expostos no item anterior. No entanto, ressalta-se que esses mesmos dados são importantes porque propiciam um contorno objetivo da presença e expansão das tecnologias de comunicação em âmbito nacional e regional, oferecendo um marco geral para a presente pesquisa.

Logo, entende-se que a relevância da tecnologia extravasa seu próprio espaço e papel de artefato de informação e comunicação, isto é, seu caráter meramente instrumental, repercutindo na vida social como um todo, ora constituindo novas formas de sociabilidade, ora assumindo funções rituais. Nesse último caso, tanto isso pode ocorrer em momentos excepcionais (catástrofes, morte de personalidades, etc.), quanto na normalidade da vida cotidiana.

Essa ideia, na trajetória deste grupo de pesquisa, se associa inicialmente ao direcionamento proposto por Jesús Martín-Barbero (2009, p. 148): “Quando dizemos ‘tecnologia’, o que estamos nomeando não é somente uma coisa, mas um ‘âmbito’ extremamente potente, tanto de linguagens como de ações, tanto de dinâmicas sociais, políticas e culturais, quanto de interrogações sobre o que significa o social hoje”. Contudo, as

pistas teóricas lançadas por esse autor, no contexto brasileiro, repercutiram de modo bastante isolado quando se trata da investigação sobre os usos, especialmente, de novas tecnologias, recebendo muito mais atenção nos estudos sobre a televisão e, principalmente, sobre os usos e apropriações da telenovela.

De todo modo, compreende-se que o desafio tecnológico não tem origem na tecnologia em si mesma, mas nos hábitos, nos usos, nos novos rituais e mitos, nas mudanças na economia que ela gera, bem como na reconfiguração das estratégias das indústrias da mídia. Por essa razão, considera-se que Martín-Barbero auxilia apenas em parte nesse olhar mais integral sobre as tecnologias, sendo importante incluir aspectos das abordagens sugeridas por Morley (2007), Silverstone (2005) e, também, por Silverstone e Hirsch (1996).

Aliás, vive-se num mundo saturado pela mídia ou, como diz Silverstone (2005, p. 191), “de ubiquidade invasiva da mídia”, em todos os níveis do processo social. Assim, é necessário reconhecer e compreender a fluidez com a qual a mídia se espraia na esfera cultural e social. Devido ao escopo empírico desta investigação, toma-se essa premissa como baliza para adentrar no estudo de práticas relacionadas à mídia, entendendo que essas se articulam com dinâmicas culturais e sociais específicas. Decorre daí a necessidade de privilegiar os atores efetivamente envolvidos em suas atividades diárias.

De modo geral, o termo “prática” é empregado para esquivar-se de alguns problemas postos por terminologias como leitura, recepção e consumo. Falar de práticas relacionadas à mídia é tomar, em primeiro plano, atividades, sem predefinir sua natureza, outra que seja que se desenvolvem com a mídia (PETERSON, 2010). Entretanto, as práticas tornam visíveis atividades conformadas por hábitos, sem reflexão, fortemente ancoradas em contextos que lhes dão sentido. Essa faceta da prática se relaciona com o que Martín-Barbero (1990) vai chamar de ritualidade, pois diz respeito àquilo que adquire regularidade e repetição, constituindo-se em rotina. Mas, de outro lado, também se articula com a dimensão, denominada por esse último autor, da tecnicidade, entendida como a forma como os sujeitos se relacionam com os suportes e os formatos, isto é, com o aparato tecnológico e com a linguagem e os conteúdos.

Para observar e reconstituir tais práticas que englobam a tecnicidade e a ritualidade, adota-se uma perspectiva socioantropológica que sustenta que “o que explica a relevância da sua presença [das tecnologias de informação e comunicação, em especial o computador, a internet e o celular] é a refuncionalização simbólica que elas sofreram no *uso cotidiano*”, comportando-se “imaginariamente como *artefatos rituais* para controlar a incerteza, neutralizar a dispersão familiar, evitar a fragmentação biográfica, garantir a inclusão e

exorcizar os fantasmas da outridade” (WINOCUR, 2009, p. 13, destaques nosso). Isso quer dizer que o interesse está em observar as transformações que tanto a mídia tradicional quanto a nova mídia estão ocasionando na vida cotidiana do grupo indicado, bem como suas relações de interdependência, destacando que as apropriações de tais artefatos, isto é, os usos e experiências são sempre produzidos no espaço cotidiano.

Decorre daí o entendimento de que o contexto exerce determinações importantes sobre como as tecnologias são percebidas, adotadas e utilizadas por distintas pessoas. Por essa razão, pretende-se explorar tanto os usos quanto as repercussões das tecnologias de informação e comunicação no espaço doméstico e na atividade produtiva.

No que se refere à apropriação das tecnologias em família, é pertinente o questionamento acerca do papel dessas como “agregadoras” ou como “distanciadoras” dos membros da família, visto a capacidade das tecnologias tanto de intensificar a sociabilidade quanto de aprofundar o isolamento, como discute Livingstone (1996). Como a autora aponta, a tendência para um ou para outro, assim como as funções que esses meios exercerão para a família, depende, entre outros, de fatores como geração e gênero. E, no caso específico desta investigação, do meio rural e da atividade produtiva específica exercida pelo grupo pesquisado, ou seja, o cultivo do tabaco, entre outras culturas.

Nesse sentido, parece que as TICs, mais que alterar a vida das pessoas, sofrem as consequências das mudanças que essas últimas realizam nos seus “usos previstos”, para torná-las compatíveis com suas trajetórias biográficas e seus sistemas de referências socioculturais no marco de sua vida cotidiana (WINOCUR, 2009, p. 16).

É dentro das fronteiras da problematização, recém delineada, que a presente pesquisa empírica se desenvolve. Do nosso ponto de vista, tal enquadramento passa pela incorporação e articulação das reflexões dos autores já citados. Dentre eles, destaca-se a pesquisa de Winocur (2009), sobretudo, porque, claramente, discute que a estratégia metodológica de uma abordagem teórica como a referida não aponta somente para o inventário de práticas de consumo, de modalidades de interação ou mesmo de competências e habilidades dos usuários, dentro e fora do lar, mas para a tentativa de entender os significados da experiência dos sujeitos no que diz respeito à incorporação das tecnologias de comunicação na vida cotidiana, dependente de distintos contextos e condições socioculturais. Como já dito, o contexto rural a ser investigado e a unidade familiar constituída na atividade da agricultura familiar revelam particularidades importantes em relação ao urbano e à constituição contemporânea de “famílias globais” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2012). A seguir, apresenta-se a proposição metodológica pensada a partir de tais delineamentos teóricos.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS: INCURSÕES EMPÍRICAS

Apresenta-se nesta seção, primeiramente, a síntese do desenho metodológico da pesquisa, especialmente no que se refere aos procedimentos de coleta de dados que serão empregados; e, posteriormente, um relato da primeira exploração de campo, realizada junto a duas famílias de agricultores da cadeia do tabaco, moradores de Vale do Sol, município da microrregião de Santa Cruz do Sul.

A investigação empírica está organizada basicamente em duas etapas: a) a primeira constitui-se num levantamento de dados, evidenciando-se mais como uma primeira sondagem, fundamentalmente, sobre quais tecnologias de comunicação estão presentes nos lares das famílias associadas à cadeia agroindustrial do tabaco, na região já referida, e que usos os membros da família lhes dão, mediante aplicação de um formulário sociocultural e de entrevistas abertas; b) a segunda, de aprofundamento, mediante a implementação de uma entrevista em profundidade junto às famílias selecionadas a partir do levantamento realizado, com o objetivo de reconstituir suas práticas em relação às tecnologias da comunicação – imprensa (jornais e revistas), rádio, televisão, computador e celular.

Para tanto, os instrumentos de coleta de dados a serem empregados são: formulário sociocultural; entrevista em profundidade; observação; e registro fotográfico, que serão aqui brevemente descritos.

O formulário sociocultural é um instrumento que permite ter acesso a dados mais objetivos sobre as condições socioeconômicas do grupo e o consumo cultural, tanto da mídia quanto de outras expressões culturais. Tal como foi assumido na pesquisa de Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 55), com essa ferramenta, o objetivo é “reconstruir o mapa do consumo doméstico por meio de um conjunto de indicadores empíricos”. Esse mesmo tipo de instrumento foi utilizado na pesquisa “A visibilidade da vida ordinária de mulheres na mídia”¹⁸, tendo sido idealizado a partir da primeira experiência em campo da referida pesquisa quando se observou a necessidade de coletar informações em relação aos capitais econômico e cultural do grupo estudado. Nesse sentido, consiste num roteiro de questões para dar conta das respectivas histórias familiares em relação à vida econômica e escolar dos informantes e de seus familiares. Da mesma forma, permite constituir um mapeamento do consumo midiático-cultural dos pesquisados.

A entrevista em profundidade é um importante recurso nas investigações de caráter

¹⁸ Pesquisa desenvolvida com recursos da Coordenação Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob coordenação da Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Escosteguy.

antropológico, pois concede liberdade ao entrevistado para contar histórias ou tecer comentários de qualquer espécie, podendo seguir, no entanto, uma série de questões consideradas necessárias e pertinentes para alcançar os objetivos estipulados. Sobre a relevância da entrevista, Morley (1996) reflete sobre o rico universo que se abre diante do pesquisador durante as conversas com seus informantes.

[...] em meu ponto de vista, é preciso defender o método da entrevista não só porque permite que a investigação tenha acesso às opiniões e declarações conscientes das pessoas entrevistadas, mas também porque nos dá acesso a termos e a categorias linguísticas [...] em virtude dos quais as pessoas entrevistadas constroem seus mundos e a própria compreensão de suas atividades. (MORLEY, 1996, p. 261)

Em nosso estudo, assim como na pesquisa relatada em *Vivendo com a telenovela* (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002), a observação permitirá atentar para as perspectivas *temporal*, que se refere às rotinas familiares; *espacial*, relacionada à infraestrutura da moradia e distribuição de objetos, especialmente midiáticos; e *das práticas*, referentes a atividades familiares corriqueiras e ao uso das TICs. Já as fotografias servirão para registro e posterior análise da propriedade, do espaço doméstico e dos aparelhos de mídia nas residências das famílias. Em outras pesquisas (LEAL, 1986; SIFUENTES, 2010), o uso de registros fotográficos explicitaram desde o estilo da decoração até a importância dos meios de comunicação para os informantes.

Vale salientar que o ambiente em que a pesquisa será desenvolvida é especialmente o lar, entendido como o local em que os aparatos tecnológicos são contextualizados (SILVERSTONE; HIRSCH, 1996). Embora, no caso específico desta pesquisa, possa expandir-se até o local de trabalho, seja o galpão ou a lavoura. Nesse sentido, entende-se que as tecnologias tornam-se parte da dinâmica da vida cotidiana e das relações familiares, ressaltando-se que o trabalho se realiza na propriedade familiar e entre os membros da família.

A seguir, faz-se o relato da primeira incursão a campo, em que foram empregadas as técnicas do formulário, da entrevista aberta coletiva, da observação e do registro fotográfico. Na atual etapa da investigação, a reflexão acerca da experiência em campo permite uma análise crítica para a continuidade do estudo.

4.1 Exploração de campo

A primeira exploração de campo ocorreu com a visita a duas famílias de agricultores pertencentes à cadeia agroindustrial do tabaco, no interior do município de Vale do Sol. A

família Voese é composta por três membros: pai (30 anos), mãe (30 anos) e filho (8 anos). A propriedade da família conta com 11 hectares, onde se cultivam tabaco (cerca de 90 mil pés por ano), milho, feijão, batata, batata doce, aipim, abóbora e verduras em geral, além de criarem porcos e galinhas. A família Kretzmann é composta por quatro membros: pai (39 anos), mãe (37 anos), filho (20 anos) e filha (11 anos). A propriedade da família tem 22 hectares, em que são produzidos tabaco, leite, frutas, mel, feijão, batata, batata doce, mandioca, verduras e pequena criação de gado, porcos e galinhas.

O contato com as famílias foi intermediado por um engenheiro agrônomo de uma organização não-governamental que atua na microrregião de Santa Cruz do Sul¹⁹. Há muitos anos, a ONG presta serviços às famílias das comunidades onde vivem nossos pesquisados, e o agrônomo conhece alguns informantes desde a infância. Foi dele a escolha pelas duas famílias – a partir de uma explanação geral dos propósitos da pesquisa –, ambas notáveis usuárias das novas tecnologias de comunicação.

Esse é um primeiro aspecto em que se percebe a atuação do mediador. Ele realiza, de fato, um filtro em relação ao tipo de informantes com que se tem contato. Não foi solicitado a ele que as famílias possuíssem acesso à internet em casa, por exemplo. No entanto, sabendo do que se tratava nosso estudo, achou por bem usar esse como um critério. Nesse sentido, ressalta-se que, na sequência da investigação, contataremos outras famílias via apresentação das primeiras que já se disponibilizaram para tal, onde possivelmente o uso das novas tecnologias não seja tão intenso.

Além disso, ele nos acompanhou nas visitas, apresentando-nos aos agricultores. Se, por um lado, entendemos que essa mediação facilitou nossa acolhida por parte das famílias, por outro, suas intervenções eram mais diretas do que gostaríamos, explicitando alguns questionamentos que não pretendíamos acusar numa primeira sondagem.

A maior parte da equipe participou dessa primeira incursão: seis pesquisadores. O que poderia ser extremamente invasivo, visto o elevado número de pessoas, pode, talvez, ser melhor interpretado como uma “grande visita”, visto a boa receptividade por parte das famílias. Para que o número de “entrevistadores” não prejudicasse a organização da conversa, previamente elegeu-se uma “entrevistadora principal”, aquela que seria a responsável por direcionar a conversa, na medida do possível e necessário, para que fossem respondidas as questões levadas a campo. Isso não significa que um roteiro de questões tenha sido elaborado, mas que alguns temas haviam sido destacados como os de principal interesse, em forma de

¹⁹ A ONG chama-se CAPA – Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor.

três perguntas amplas: Como é viver aqui? Como é a rotina da família? Como é o uso dos meios de comunicação pela família?

Essa etapa pode ser chamada de entrevista aberta coletiva ou simplesmente de conversa coletiva. Ela foi iniciada com a apresentação da pesquisa, feita pelo mediador (o engenheiro agrônomo), e dos pesquisadores (cada membro do grupo apresentou-se, dizendo seu nome e sua ocupação profissional). Após o encerramento da conversa, uma hora depois da chegada, efetuou-se a aplicação individual dos formulários, cabendo a cada pesquisador a aplicação de um deles. Todos os membros das famílias os responderam, inclusive as crianças.

Neles estavam incluídas questões como idade, escolaridade, atividades que desempenha (profissionais ou domésticas), escolaridade e profissão de pais e irmãos e principais formas de lazer. Além dessas, havia perguntas específicas sobre o consumo de mídia, em que se indagava sobre o meio preferido, as emissoras/jornais/sites favoritos, assim como a frequência e o local em que são usados. Ainda, um representante da família respondeu a um formulário com questões sobre a propriedade – tamanho, rendimento, produção etc. – e a casa – infraestrutura da residência, posse de eletrodomésticos e de aparelhos e mídia etc. Os mesmos procedimentos metodológicos foram desenvolvidos nas duas famílias.

Após essa primeira experiência empírica, os pesquisadores produziram um relato descritivo com as impressões pessoais e avaliação crítica sobre a exploração. A seguir, reproduzimos um trecho ilustrativo de um desses relatos.

O caminho de Santa Cruz até a primeira casa visitada no Vale do Sol foi marcado por bastante chuva e tempo nublado. Apesar disso, foi possível apreciar a beleza da paisagem da região, que ficava cada vez mais “rural” à medida que avançávamos para o interior do município. No caminho, dava para ver claramente até onde ia a iluminação da estrada. Também notamos a presença de várias igrejas no trajeto, bem como a presença de muitas antenas parabólicas.

A chegada na primeira casa foi um pouco tumultuada em função dessa chuva. Ficamos desconfortáveis com o fato de estarmos com os pés molhados, pois não queríamos sujar a casa.

Na propriedade, do lado oposto ao galpão, notavam-se várias peças de trator e outras ferramentas para o trabalho no campo. Alguns vasos de flores figuravam na entrada da casa, bem como algumas plantas plantadas diretamente no solo, sem conformar, no entanto, um jardim bem organizado. Também notamos um carro um tanto velho estacionado no galpão.

Fomos muito bem recebidos na casa da família Voese, que nos esperou com a casa muito limpa, organizada e enfeitada com flores. Fomos recepcionados pelos três integrantes da família: Darcísio (pai), Cláudia (mãe) e Pablo (filho). Também os dois cães nos esperavam ansiosos na soleira da porta. No primeiro contato com a família, notei que, apesar de muito receptivos, os três pareciam um pouco envergonhados – principalmente a Cláudia e o Pablo.

Ainda, como passo inicial para a análise dos dados coletados, mas também como parte da reflexão metodológica, foram produzidos perfis individuais dos membros das famílias e um perfil geral por família. Essas sínteses permitem ponderar sobre os dados coletados e instrumentos utilizados e fornecem elementos importantes para uma próxima ida a campo, especialmente, para a composição de um roteiro de questões para uma entrevista individual. Como aqui não se pretende explorar propriamente os dados coletados, mas refletir sobre os próximos passos da pesquisa, não será desenvolvida nenhuma espécie de análise de achados empíricos, enfocando-se apenas nos aspectos metodológicos.

5. CONCLUSÕES: APONTAMENTOS PARA A CONTINUIDADE DA PESQUISA

Para além da exploração empírica propriamente dita, ou seja, dos dados coletados nas visitas às famílias, a primeira entrada em campo teve como objetivo, por um lado, introduzir a equipe de pesquisadores na região da pesquisa, ou seja, tomar contato e conhecer a realidade a ser investigada, para além da documentação bibliográfica já percorrida; e, por outro, refinar os instrumentos e estratégias metodológicas. Como dissemos anteriormente, trata-se de pesquisa de caráter socioantropológico, portanto, entende-se que o trabalho de campo é uma vivência, com uma intensa dimensão de subjetividade (BRANDÃO, 2007), seja de relações interpessoais entre pesquisadores e pesquisados, seja entre os próprios pesquisadores.

Em relação ao refinamento dos instrumentos e estratégias de pesquisa, a proposta é realizar uma segunda visita às mesmas famílias, já em equipes reduzidas. Por um lado, esse procedimento evitará a “invasão” do espaço doméstico e, por outro, permitirá uma relação mais intensa entre pesquisador e pesquisado. Sendo assim, projeta-se compor duas equipes com número equitativo de pesquisadores e membros da família, com a indicação e preparação prévia de cada pesquisador no que diz respeito à entrevista em profundidade a ser realizada na ocasião.

Sobre a vivência da pesquisa, a primeira saída a campo serviu, também, para que a equipe de pesquisadores se conhecesse melhor e pudesse perceber tanto a própria atuação como entrevistador/a como, também, a do outro. Decorre dessa experiência a necessidade de reiterar que a equipe precisa assumir os mesmos procedimentos de atuação, obviamente, preservando as individualidades. Para isso, a equipe deverá adotar como regra a realização de uma reunião prévia às saídas de campo onde se estabeleça um pacto de atuação e condução das próximas visitas.

No que diz respeito ao segundo instrumento de pesquisa, a entrevista em profundidade, projeta-se construir sua pauta dando atenção a distintos aspectos. Em primeiro

lugar, pretende-se obter informações sobre a implicação das tecnologias de comunicação, considerando dois eixos: o tempo e o espaço. Para tal, observa-se ser importante aprofundar como, quando e com que finalidade se usa cada uma das tecnologias que foram indicadas como presentes no cotidiano das famílias. Em segundo lugar, parece ser produtivo aliar outra via que explore a reconstrução de como eram suas práticas relacionadas às tecnologias de comunicação num tempo passado, como foram se modificando até alcançar o modo como são agora, ou seja, uma via de reconstrução histórica. Em certa medida, mediante a conversa coletiva, o que se obteve foi uma indicação de quais são suas práticas em relação às tecnologias de comunicação. Nesta segunda etapa, o que se almejaria é que as pessoas explicassem mais detalhadamente o que fazem e, se possível, interpretassem o que vivenciam.

Considerando essas observações, a entrevista individual será estruturada em torno de quatro eixos: experiência de incorporação das TICs (antes e depois), experiência de uso das TICs (hoje), experiência de uso do meio de comunicação preferido e o trabalho. Em relação a esse último, observa-se que deva ser explorado a partir do momento em que o próprio entrevistado o mencione. Caso isso não ocorra, sugere-se tratá-lo ao final da entrevista e apenas com os adultos.

Considera-se que a combinação entre a etapa já realizada – constituída pela conversa coletiva, aplicação do formulário sociocultural, das observações, concretizadas mediante relatos individuais de campo, e registros fotográficos – e a próxima – basicamente composta pela entrevista em profundidade, complementada pela gravação da conversa da equipe, durante a viagem de retorno, de modo a captar impressões mais “vivas” dos pesquisadores – oferecerá material empírico suficiente para reconstituir as dimensões da tecnicidade e da ritualidade que configuram as práticas relacionadas à mídia junto a famílias de agricultores do tabaco.

Enfim, configurada como pesquisa de caráter socioantropológico, a presente investigação não antecipa respostas à questão proposta como eixo central: Como as famílias associadas à cadeia agroindustrial do tabaco, vivenciam a incorporação de tecnologias de comunicação – jornal, revista, rádio, TV, computador e celular – dentro de seu universo prático e simbólico, nos seus respectivos cotidianos? Ao invés disso, pretende estar focada no entendimento de que as TICs propiciam transformações na cultura cotidiana do grupo estudado e, por essa razão, concentra-se em suas práticas, seus usos e modos de apropriação.

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. *Amor a distancia – Nuevas formas de vida en la era global*. Buenos Aires: Paidós, 2012.

BERWANGER, Liese. *Souza Cruz entrega notebooks a produtores*. Folha de Candelária, Candelária, 4 nov. 2011. Disponível em: <http://www.folhadecandelaria.com.br/?8357>. Acesso em: 7 nov. 2012.

BORDENAVE, Juan Díaz. *Novas perspectivas na capacitação em comunicação para o desenvolvimento rural*. Rio de Janeiro: Inca, 1974.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e cultura**, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2007.

CALLOU, Angelo Brás Fernandes (Org.). *Comunicação Rural e o Novo Espaço Agrário*. 8. ed. São Paulo: **Intercom**, 1999. v. 8. 205p.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2014.

Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/download/pesquisa-brasileira-de-midia-2014-habitos-de-consumo-de-midia-pela-populacao-brasileira/publicacoes/198/arquivo/pesquisabrasileirademidia2014.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2014.

CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO – CETIC.BR. *Pesquisas e indicadores – TIC Domicílios*. Disponível em: <<http://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/>>. Acesso em: 2 set. 2014.

GRAZIANO DA SILVA, José; DEL GROSSI, Mauro; CAMPANOLA, Clayton. O que há de realmente novo no rural brasileiro. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*. Brasília, v. 19, n. 1, p. 37-67, jan/abr 2002. Disponível em <http://www.economia.esalq.usp.br/intranet/uploadfiles/1115.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Banco de dados agregados; Pesquisas; Produção Agrícola Municipal (PAM); Quantidade produzida*. Tabela 1612 - Área plantada, área colhida, quantidade produzida e valor da produção da lavoura temporária - Ano 1990 a 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Pesquisa nacional por amostra de domicílio (PNAD)*. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/PNAD_Inter_2011.pdf>. Acesso em: 22 agosto 2014.

LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LIVINGSTONE, Sonia. El significado de las tecnologías domésticas. Um análisis del constructo personal de las relaciones familiares respecto del gênero. In: SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric (Eds.). *Los efectos de la nueva comunicación*. El consumo de la moderna tecnología em El hogar y em La família. Barcelona: Bosch: 1996. p. 169-192

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.

MAGELA BRAGA, Geraldo. Indústria cultural e comunicação rural: análise do espaço rural na TV brasileira. *Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo: Intercom, nº 55, p. 71-86, jul-dez 1986.

SIFUENTES, Lírian. *Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Santa Maria-RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica – Entrevista. *MATRIZES*, vol. 2, n. 2, p. 143-162, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los medios a las prácticas. In Martín-Barbero; Piccini; Canclini; García. *La comunicación desde las prácticas sociales – Reflexiones en torno a su investigación*. Mexico: Universidad Iberoamericana, 1990.

MORLEY, David. *Media, modernity and technology. The Geography of the new*. Nova York: Routledge, 2009.

MORLEY, David. *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

PETERSON, Mark ‘But it is my habit to read The Times’: Metaculture and practice in the Reading of Indian newspapers. In: BRAUCHLER, Birgit; POSTILL, John (orgs). *Theorising media and practice*. Nova Yorke: Berghahn Books, 2010.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. *A comunicação rural na perspectiva extensionista: crítica epistemológica - possibilidades metodológicas (dissertação)*. Santa Maria: UFSM, 1991.

SILVEIRA, R. L. L. et al. *Rede agroindustrial do fumo e a dinâmica de organização espacial e de usos do território na região Sul do Brasil*. [relatório de pesquisa]. Santa Cruz do Sul, RS. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2011.

SILVERSTONE, Roger. The sociology of mediation and communication. In: CALHOUN, Craig; ROJEK, Chris; TURNER, B. (org). *The Sage Handbook of Sociology*. Londres: Sage, 2005.

SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric (Eds.). *Los efectos de la nueva comunicación*. El consumo de la moderna tecnología em El hogar y em La família. Barcelona: Bosch, 1996.

SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric; MORLEY, David. Tecnologías de la información y de la comunicación y la economía moral de la família. In: SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric (Eds.). *Los efectos de la nueva comunicación*. El consumo de la moderna tecnología em El hogar y em La família. Barcelona: Bosch, 1996. p. 39-57

VENCATO, Ângela Zamberlan [et al.]. *Anuário brasileiro do tabaco 2011*. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2011. 176 p. Disponível em: <<http://www.gaz.com.br/editora/anuarios/2908>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

WINOCUR, Rosalía. *Robinson Crusoe ya tiene celular*. Cidade do México: Siglo Veintiuno, 2009.